

UMA JOGADA PLANEJADA: ARAPIRACA CENTENÁRIA - LUGARES DE HISTÓRIA E MEMÓRIA

Introdução

Nos meios acadêmicos tem se travado debates que ensejam a valorização de narrativas de histórias locais, as quais buscam valorar memórias individuais e coletivas que revelam pertencimento ao local onde o indivíduo está inserido.

Os locais que abrigam os indivíduos, seja pelo nascimento, pela escola onde estudam ou pela origem familiar podem ser definidos como territórios educativos, os quais remetem o sujeito a espaços que a historiografia tradicional não costuma destacar, tais quais a rua, o bairro, a cidade e, por conseguinte, espaços/prédios públicos de história e memória dessa cidade.

No ano de 2024 a cidade de Arapiraca, no agreste alagoano, comemorou seu primeiro centenário, promovendo uma pauta articulada que possibilitou uma reflexão pedagógica junto aos professores da rede municipal capaz de repensar sobre o patrimônio cultural de caráter material e imaterial local e o senso de pertencimento ao município de Arapiraca por parte da população local.

Ao longo do ano letivo de 2024, foram pensadas e executadas várias atividades que possibilitaram aos alunos da Escola de Ensino Fundamental Maria de Nazaré revisitar memórias construídas ao longo dos 100 anos da Cidade de Arapiraca. Estudantes de 9º ano puderam experienciar momentos enriquecedores que culminaram com a visita ao Estádio Municipal Coaracy da Mata Fonseca (antigo Fumeirão), em um misto de conhecimento e aprendizado. O Estádio Municipal é um prédio público cuja história carrega uma relação bastante estreita com a história e memória da cidade, para além do futebol.

O objetivo principal de criar meios pedagógicos que proporcionassem uma educação de fortalecimento da identidade arapiraquense, particularmente entre os estudantes, justificou-se pela preocupação em relação ao elemento identidade, a qual, segundo HALL (2006, p.21) “[...] muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado”. Para o autor, a identidade do indivíduo pode ser fortalecida ou perdida dependendo da forma como esse indivíduo é inserido, instruído nas paisagens políticas do mundo moderno (HALL, 2006, p.21).

Nesse sentido, entendemos nosso papel de educador como agente que cuida para que os estudantes potencializem suas aprendizagens, encontrem sentido naquilo que os cerca, engajando-os na vida e na luta emancipadora (Hooks, 2013).



Nosso trabalho caracterizou-se a partir de pesquisa bibliográfica para se conhecer registros da história territorial, cultural, política e econômica da cidade centenária, cujas produções identificadas foram exploradas por meio de análise bibliográfica, além de visita a lugares de história e memória da cidade.

Inicialmente, cada espaço foi apresentado nominalmente às turmas como forma de identificar entre eles, quem conhecia e o que conheciam de cada um deles. Constatava-se, preliminarmente, que: alguns apenas tinham ouvido falar, outros sabiam da existência, mas nunca haviam visitado, e a grande maioria dos estudantes não atribuía qualquer importância histórica ou de memória aos espaços com a história do centenário de Arapiraca, por desconhecerem tal relação.

A partir desses espaços e do desenvolvimento dos trabalhos, foram gravados pequenos audiovisuais com moradores antigos, servidores públicos e agentes culturais, fomentando nos estudantes conhecer e vivenciar experiências em lugares de história, cultura e memória da cidade, a fim de se construir uma memória coletiva que reunisse interpelações individuais dos estudantes, identificasse histórias e memórias construídas ao longo do centenário da cidade, e estabelecesse conexões entre o passado e o presente dos estudantes.

De acordo com Zezito Guedes - Mestre do Patrimônio Vivo de Alagoas, nos primórdios de Arapiraca, a origem de infinitas manifestações populares existentes na cidade atribui-se à irônica e espirituosa presença do povo que se aglomerava nas calçadas nas tardes de verão, para conversar e contar anedotas (Guedes, 1999).

Nesse contexto, infere-se do texto de Guedes (1999) que as trocas e as



experiências vivenciadas pelos moradores são elementos estruturantes das raízes culturais do arapiraquense que, ao mesmo tempo, ensina, aprende e constrói na interação comunitária.

Mais tarde, FLORENCIO, Sônia Rampin et al (2014) buscando estruturar a importância da educação patrimonial no Brasil e descrever territórios como espaços educativos ratifica a fala de Guedes sem, necessariamente, lhes ser feita qualquer menção,

O que se almeja é a construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local (FLORENCIO, Sônia Rampin et al, 2014, p.20).

Percebe-se, assim, a necessidade de se proporcionar aos estudantes, dentro e fora dos muros da escola, espaços formadores de identidade cultural, de sentimento de pertencimento ao território no qual estão inseridos – rua, bairro, escola, espaços públicos, cidade. Iniciativas educativas que devem ser encaradas como “situações de aprendizagem construídas coletivamente” (FLORENCIO, Sônia Rampin et al, 2014, p.20)

Em conformidade com Nora (1984), “lugares de memória” são espaços simbólicos onde a memória coletiva se ancora diante da ameaça do esquecimento. No contexto urbano, esses lugares materializam vivências e acontecimentos que marcaram determinada comunidade. Nessa perspectiva, a comunidade estudantil da Escola Maria de Nazaré precisava estabelecer esse elo com a cidade centenária de Arapiraca, encontrando *in loco* o conhecimento de sua história, a qual foi apresentada por meio da história de suas praças, do museu, de templos religiosos, abrigo para idosos, do cemitério, casa de lazer e estádio de futebol.

Na discussão dual - história/memória suscitada por Nora (1984), também embasamos esse trabalho, depositando muita intencionalidade pedagógica na construção da identidade de pertencimento ao território arapiraquense, já que pouco é feito no campo do ensino regular, o qual é mapeado por um extenso cronograma conteudista. Processo que é agravado ainda mais pela falta de memória histórica nas novas gerações.

Nesse sentido, o diálogo estabelecido com os estudantes teve a intenção de levá-los a perceber que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] a memória emerge de um grupo que ela une”. (Nora, 1984, p.9).

Lugares de história e memória arapiraquenses



Em sociedades complexas, como esta em que vivemos, a memória coletiva dá origem a lugares de memória, como museus, bibliotecas, espaços culturais, galerias, arquivos, abrigos, praças, feiras livres, festas cívicas, festejos populares os quais remetem ao conjunto de bens materiais e imateriais que conjugam história e memória dessa mesma sociedade.

Estabelecer memórias coletivas requer, de certo modo, avivar as identidades múltiplas a serem construídas pelo ensino de História, entre as quais a identidade nacional, suas relações com o local e o mundial, na perspectiva da cidadania e da criticidade. (Bittencourt, 2008, p.129).

No direcionamento de Hall (2006), tratando dos deslocamentos culturais produzidos pelo mundo globalizado, o autor aponta para o seguinte:

As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações "globais" começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais. (Hall, 2006, p.73).

Nesse sentido, “as identidades deslocadas” possibilitam um afastamento das memórias coletivas construídas ao longo de tradições sociais traduzindo-se em estranhamento nos grupos mais jovens dessa mesma sociedade, algo desconhecido mesmo fazendo parte da história de origem - lugar que nasceram e/ou habitam e estudam. Essa foi a percepção que tivemos ao levar para as turmas a proposta de visitação de lugares de história e memória da cidade de Arapiraca.

O roteiro apresentado sugeriu aos alunos pesquisarem, estudarem e, depois, visitarem a Praça Luiz Pereira Lima, a Praça do Artesanato, o Bosque de Arapiraca, o Museu Zezito Guedes, a Casa da Cultura, a Concatedral Nossa Senhora do Bom Conselho, a Igrejinha de São Sebastião, a Casa dos Velhinhos, Clube dos Fumicultores, o Cemitério Pio XII, as feiras livres, o Estádio Coaracy da Mata Fonseca – o Fumeirão e a comunidade rural quilombola Pau D’Arco.

As pesquisas retornadas trouxeram, em sua maioria, um tom de surpresa e, ao mesmo tempo, satisfação ao descobrirem a ligação do lugar estudado com a história da cidade, com os elementos culturais praticados pelos arapiraquenses e, principalmente, conseguiam estabelecer conexões entre as histórias recém aprofundadas por eles com algum relato feito por seus avós, pais, padrinhos e até, viam mais sentido nas falas de professores ao abordarem o tema em sala de aula.

Entre todos os lugares pesquisados e visitados em forma de grupo pelos estudantes, o estádio municipal Coaracy da Mata Fonseca foi escolhido por eles para ser



o espaço de uma visita coletiva, a qual aconteceu no dia 23 de agosto de 2024. Tal escolha pelos estudantes, justifica-se pela importância do clube de futebol Agremiação Sportiva Arapiraquense - ASA para os arapiraquenses, representando também um elemento de identidade do centenário da cidade.

Imagem 1: estudantes chegando na parte externa do estádio



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

Imagem 2: estudantes sendo recepcionados na sala de troféus.



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

Imagem 3: estudantes reunidos no campo de futebol.



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 4 – estudantes passeiam pelo gramado



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

Imagem 5: estudantes interagem no gramado.



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

Imagem 6: estudantes admram a imagem do estádio a partir de bancadas mais altas.



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

Imagem 7: estudantes acessando as bancadas do estádio.



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

O Estádio Coaracy da Mata Fonseca, também chamado de Estádio Municipal ou Fumeirão, é um estádio de futebol da cidade de Arapiraca, no Estado de Alagoas, que atende ao clube de futebol profissional da cidade, denominado de Agremiação Sportiva Arapiraquense - ASA. Sua construção remonta à década de 1950 e apresenta estreita ligação com o processo de desenvolvimento da economia fumageira da cidade bem como com o processo de construção de linhas férreas em contexto nacional.

No final da década de 1940, o município de Arapiraca caminhava rumo ao progresso e desenvolvimento, despontando como uma jovem cidade interiorana do Estado de Alagoas conhecida como a Capital Brasileira do Fumo. Tal demanda desenvolvimentista logo encontra ligação com a construção do trecho ferroviário que ligava Arapiraca a cidade de Colégio no Estado de Alagoas.

Em meio ao andamento da obra de construção da ferrovia, os trabalhadores sentem a necessidade de momentos de lazer, daí nasce o time de futebol Ferroviário, assim denominado porque o campo de areia improvisado para os jogos aos domingos ficava ao lado da ferrovia em construção. Mais tarde, em 1952, o ASA herdaria as cores preta e branca do primeiro time de várzea de Arapiraca e também o espaço do campo, nascendo assim o Estádio Coaracy da Mata Fonseca.

Em 1949 teve início o funcionamento da linha férrea e da estação ferroviária, nos tempos de auge da cultura fumageira, o que proporcionou a integração das regiões vizinhas à cidade, o escoamento da produção, o abastecimento interno, e contribuiu para a evolução urbana do Centro de Arapiraca.

São inúmeras as lembranças dos arapiraquenses sobre o local que entrecruzava os caminhos de centenas de trabalhadores, feirantes, andarilhos, que vinham a Arapiraca em busca de melhores condições de trabalho. (Arapiraca, cidade da gente, 2019, p.92)

É perceptível, a partir das narrativas, a identidade e a memória coletiva agregados aos lugares que inspiram a história de Arapiraca, história tal que a historiografia oficial ainda remete majoritariamente à origem heroica de um único desbravador – o fidalgo Manoel André, o qual nomeou “a sombra da árvore arapiraca como sua casa temporária” (p. 169).

Na contra mão de narrativas oficiais, Arapiraca vem buscando registrar outras histórias de origem centenária entrelaçadas a grupos historicamente invisibilizados como



indígenas e quilombolas.

A Fundação Cultural Palmares certifica duas comunidades remanescentes quilombolas na cidade de Arapiraca: a Comunidade Carrasco e a Comunidade Pau D'Arco, esta certificada através da portaria 8/2007, publicada no Diário Oficial da união – DOU em 07/02/2007 e aquela, pela portaria 25/2007, de 13/03/2007. (IBGE, censo 2022).

Das duas comunidades quilombolas arapiraquenses, a Vila Pau D'Arco se destaca pelo protagonismo de seus moradores, na luta pela visibilidade e reconhecimento de sua história enquanto marco de origem histórica dos arapiraquenses.

Arapiraca centenária

De acordo com qualquer bibliografia oficial sobre a origem de Arapiraca, as narrativas de origem remontam à vinda do povoado de Cacimbinhas/ Palmeira dos Índios/Alagoas até o território onde se desenvolveu a cidade de Arapiraca a figura do fidalgo Manoel André Correia dos Santos (simplesmente Manoel André) que teria tomado posse da sombra de uma árvore às margens do Riacho Seco e a denominado de sua casa.

Um das narrativas mais populares entre os arapiraquense sobre Arapiraca são às realizadas e publicadas pelo historiador Zezito Guedes, como a obra Arapiraca através do tempo(1999) ou entrevistas escritas e orais – entrevistas e palestras, nas quais se inspiram algumas outras publicações, tais como A História de Arapiraca contada pelas atas da Câmara Municipal(2005), A cidade do futuro: agenda 21 Arapiraca (2008), Arapiraca até hoje (2010), Ramos de uma grande árvore (2013), Arapiraca, cidade da gente (2019), Retalhos históricos de Arapiraca centenária(2024) e poucos outros que não tivemos acesso por falta de disponibilidade gratuita e/ou arquivo acessível.

De acordo com a obra Ramos de uma grande árvore (2013), os relatos de origem de Arapiraca são apresentados com datas que remetem ao período que o Brasil era Reino Unido a Portugal, conjuntura na qual teriam nascido os fundadores de Arapiraca – Manoel André e sua esposa, conforme aponta:

Em 1815, quando Dom João VI elevou o Brasil à dignidade de Reino Unido a Portugal, deixando de ser Colônia, por uma feliz coincidência, *nasceram os fundadores de Arapiraca (grifo nosso)* (Manoel André Correia dos Santos, em Anadia, e Maria Isabel da Silva Valente em Cacimbinhas) (MELO, 2013, p.22).



Depreende-se da narrativa acima, uma ligação ainda mais fiel dos primórdios de Arapiraca aos seus fundadores oficiais. Todas as obras anteriormente elencadas têm como fonte primária o historiador Zezito Guedes, o qual é colaborador de honra da obra Ramos de uma grande árvore e contador das primeiras histórias de origem de Arapiraca, ligadas a Manoel André Correia dos Santos e Maria Isabel da Silva Valente, aqui denominada de história oficial de Arapiraca.

Em busca de reconhecimento e de uma identidade menos elitista para a cidade centenária, ou ao menos, partícipe das narrativas de origem de Arapiraca, a comunidade quilombola Vila Pau D'arco, através de publicação recente - Gente Quilombola – Territorialidade e Valores – construindo a identidade afrodescendente (2024), busca desnudar outra versão para a origem de Arapiraca.

De acordo com a obra Gente Quilombola, Arapiraca pode ter sido desbravada muito antes da chegada do fidalgo Manoel André, e tal desbravamento teria ocorrido por ocasião da chegada de ex-escravizados à região do Cangandu, povoado mais antigo da cidade de Arapiraca (Silva, Israel M. da.[e] Silva. Ivan José da. et all. p, 66).

Para Araújo (2024), a história centenária de origem de Arapiraca se estrutura dentro da lógica de dominação de narrativas históricas pautadas no discurso do colonizador, contada a partir de uma visão unilateral e hegemônica da já naturalizada dominação política e econômica arapiraquense, a qual precisa urgentemente ser recontada reconhecendo e referenciando personagens negros protagonistas da oralidade transmitida pelos griôs da Comunidade Vila Pau D'Arco ao seus descendentes.

Araújo (2024), propõe inclusive, uma inversão de narrativa nos sugerindo uma analogia, ainda que fictícia, sobre a possibilidade dos desbravadores de Arapiraca terem descansado à sombra de outras árvores que não apenas a árvore arapiraca, como por exemplo o pau d'arco, como forma de outros arapiraquenses dividirem o protagonismo da história de origem de uma cidade etnicamente diversa (Araújo, 2024, p.21).

Nesse sentido,

... entre a sombra de um Pau D'Arco e a de uma Arapiraca abrigam-se profundas diferenças entrepassadas por desigualdades enormes, pois enquanto troncos e ramas desta se espalham tudo dominando, terras, gentes e pensamento, e ocupando o centro da história, a outra cresce lenta e silenciosamente, resistindo na periferia da cidade e da narrativa oficial sobre quem são os arapiraquenses (Araújo, 2024, p. 21).



Resultados e Discussão

A experiência possibilitou uma maior interação entre os estudantes, um despertar para a História local, além de fortalecer a harmonização do ambiente escolar, gerando o desejo de novas experiências, as quais pretendemos renovar a cada ano, tornando a atividade uma ação anual do calendário escolar.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou evidenciar a importância de se promover ações



Nesse sentido, buscou-se efetuar uma ação planejada tal qual uma jogada própria do futebol: Arapiraca centenária - lugares de história e memória, que proporcionou aos estudantes momentos de descobertas, de interação, e ressignificação do patrimônio cultural da cidade para os estudantes, a partir do momento que suas histórias passaram a se revelar pelas pesquisas dos próprios estudantes.

Enquanto prática pedagógica essa experiência contempla o que afirma Candau (2013), de que nenhuma experiência pedagógica pode existir sem estar envolta das questões culturais da sociedade que se situa, ou seja, levar os estudantes da Escola Maria de Nazaré a visitarem os espaços da cidade objetiva uma ação intencional de que suas identidades também serão ressignificadas positivamente a partir do aprendizado sobre os lugares de história e memória da cidade.



ARAÚJO, Clébio. Gente Quilombola – Territorialidade e Valores – Construindo a identidade afrodescendente, 1ª edição, 2024.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: desafios para a prática pedagógica. 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FLORENCIO, Sônia Rampim; et al. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. 2. ed. Brasília: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014. 63 p.

GUEDES, Zezito. Arapiraca através do tempo, 1ª edição, 1999.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

MELO, Ricardo. Uma árvore de muitos ramos. 2013.

MESSIAS, Ana Karlla; HOLANDA, João Paulo; SILVA, Lucicleide da. Arapiraca, cidade da gente: estudos regionais. Fortaleza-CE: Didáticos Editora, 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In: Projeto história, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. *Plano de Ações do Centenário: Arapiraca 100 anos*. Arapiraca: PMA, 2024.

SILVA, Israel M. da.[e] Silva. Ivan José da. et all. Gente Quilombola - Territorialidade e Valores – Construindo a identidade afrodescendente, 1ª edição, 2024.

SILVA, João Carlos da. *História de Arapiraca: de povoado a cidade centenária*. Maceió: Edufal, 2023.

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). Educação patrimonial: educação, memórias e identidades / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); João Pessoa: Iphan, 2013. – (Caderno Temático; 3).

